

# Invicta Cine

ANO XI



MARIE GLORY

SEMANARIO ILUSTRADO  
DE CINEMATOGRAFIA

PREÇO

1 ESC.



# O NOSSO CORREIO

A. B. C.—Lemos, de facto, a referência que o ilustre jornalista lisboêta Fernando Fragôso faz ao nosso ex-crítico S. O.

Teria êsse arazoado muita importância, se não tivesse sido encomendado e portanto descabido.

«Gado Bravo», será apresentado depois do dia 1.º de Abril.

*Cinéfilo Norteno*—V. têm razão. Muito pódem os escudos, mas, ainda bém, que êles reconhecem terem levado as penas das suas cabeças de selvagens sete anos a chegar ao Porto. Devem estar muito domesticados os seus furôres recém-vindos mercê de um período de hibernação.

Consta, de facto, que o Águia d'Ouro reábre as suas portas ainda esta temporada.

*Georgete Ribeiro*—O seu interessante artigo não pôde sêr publicado, visto têr perdido a oportunidade.

Mande mais originais pois serão sempre recebidos com a maior satisfação.

*Bibok*—Mais uma vez a sua perfumada carta veio revolucionar a «malta» da redacção. Não calcula a satisfação que todos sentimos quando V. nos honra com as suas amáveis missivas.

Desculpe, mas não podêmos aceitar a sua receita. Preferimos mandar a «pequena» para Amarante ou Ermida onde se conseguem boas curas. Sempre ao seu dispôr.

*Eduardo Soares*—Mostramos ao Loubet a entrevista.

O original a que se refere, é possível que venha a sêr publicado. Entretanto, se assim o entender, mande mais.

## SALÃO DE ANTIGUIDADES

Exposição permanente de objectos de ARTE ANTIGA

Raridades do mais requintado gôsto

390—Rua de S.ta Catarina—392

TELEFONE 5350

PORTO

*Haroldo*—Não vendemos fotografias. Queira dirigir-se aos escritórios da Metro Goldwyn Mayer Filmes, Rua Braancamp, 10-1.º-Lisbôa. Estamos, no entanto, convencidos que recebe resposta igual á nossa.

As fotografias que se vendem por aí são adquiridas pelos «Cinéfilos-Burlões», como os classificou o nosso distinto camarada Alberto Arman-

do Pereira. Chevalier, vai, de facto, trabalhar na Inglaterra.

Sôbre a direcção da artista a que se refere, presentemente, não a podêmos fornecer. Logo que a sua «diva» se encontra a trabalhar, dar-lhe-hemos uma resposta concreta.

M I S T E R B L A C K .

## A NOSSA EXPANSÃO

### Na Figueira da Foz

Parque Cine, o grande cinema da Figueira da Foz, é uma soberba casa de espectáculos que comporta cerca de 1.200 pessoas. Frequentado na época balnear por milhares de pessoas que vão para aquela linda praia, o Parque Cine é, no entanto, durante o inverno, bastante concorrido.

Em todas as matinées do Parque Cine, por amavel deferencia dos seus

habeis emprezarios, os Snrs. Several Martins, L.da, a partir desta data, os nossos leitores beneficiam de um bonus de 25 %.

Em nome dos nossos leitores, os nossos agradecimentos.

A D O Z I N D O M A T O S .

V I S A D O  
PELA COMISSÃO  
DE CENSURA.



# O NOSSO CORREIO

Semanário Ilustrado de Cinematografia  
Redacção (provisoriamente Rua Bela da Fontinha, 14-A)

Director proprietário!—ROBERTO LINO  
Editor — João Soutinho de Oliveira

PORTO

N.º 226

5 de Março de 1934

Ano XI

Composto e impresso na Tip. da Cooperativa do Povo Portuense, Rua de Camões, 570-PORTO





# REGRAS E SERVIDÕES do metteur-en-scène

por G. W. PABST

Os metteurs-en-scène de cinema, não estão submetidos a nenhuma regra absoluta. Cada um liga-se particularmente a certas tendências da sua arte; àquelas que, bem entendido, correspondem melhor ao seu temperamento, à marcha do seu espírito.

Para mim, o que conta antes de tudo é o ambiente, não somente o ambiente geral da acção, mas também o ambiente particular de cada cena, de cada personagem. É destas questões que nasce o movimento próprio do filme.

Começo a trabalhar, sobre cada personagem, sobre cada cena, antes de toda a «découpage» técnica. A «découpage» feita em escritório tem o efeito inconveniente de ser forçadamente inexacta. Não se pode prevêêr o meio que se realizará no momento da tomada de vistas.

O «décor», sobretudo se é natural, é uma fonte de inspirações muito importantes, mas muito imprevisíveis. Se é verdade que o metteur-en-scène não pode prevêêr uma «découpage» preliminar as idéas que se criarão no momento de actuação, com mais forte razão não se deve tentar parar antecipadamente a interpretação dos artistas.

Para darem o máximo rendimento, os actores devem ser tratados como criaturas livres. Fixo como regra não impôr nunca uma interpretação; experimento adaptar tanto quanto possível a personagem ao artista e não o artista à personagem.

Daqui resulta que eu ligo a maior importância à distribuição. Sou difícil de contentar e algumas vezes demorado a decidir-me. Sou-o tanto mais, que é um dever do realizador procurar sem cessar novos actores. Por outro lado em filmes como «4 de Infantaria» ou «A tragédia da mina» o público arriscar-se-hia a não interessar-se pela acção, se houvessem actores conhecidos na interpretação; é indispensável nos dramas colectivos, que o espectador tenha a impressão de ter diante dos olhos, verdadeiros soldados, verdadeiros mineiros e não actores, mesmo aquêles pelos quais tenha a mais viva admiração.

Se o metteur-en-scène não tivesse senão fontes artisticas, seria o mais feliz dos homens. Infelizmente pesam sobre os seus hombros outros encargos que o oprimem. É preciso dinheiro para fazer um filme, muito dinheiro.

Não só o realizador, não deve naturalmente dispendir mais do que tinha previsto, mas notar que é um artista, que não pode recommençar o seu trabalho; não deve enganar-se porque isso ficaria caro.

Tem desvantagens até sobre o cenarista; êste, pode passar os dias nas suas necessidades vulgares para ganhar a vida e escrever de noite até por satisfação pessoal; o manuscrito ficará numa gavêta, se não houver quem se interesse por êle. Comnôco não é a mesma coisa. Não podemos exprimir-nos sem dinheiro.

Quando nós temos uma idéa nova, repelem-a, por causa de comentários, por causa da censura; não é que esta seja severa. Na realidade, o obstáculo pelo qual nós teremos de nos reprimir não é a propria censura, mas o medo que dela tem os produtores.

Outra fraquêsã dos produtores é tomar o sucesso de ontem como o sucesso de amanhã. Recusam-se a qualquer experiência nova; mesmo quando uma se produziu e alcançou sucesso, isto só serve para voltarem novamente a tentar a mesma, copiar simplesmente.

Se ainda, uma vez escolhido o assunto, nós tivéssemos pelo menos a liberdade plena de realizar conforme entendéssemos! Mas as mesmas pessoas, que se não permitiriam sob o pretexto de terem contribuído com dinheiro, numa oficina de automóveis, dar conselhos ao engenheiro, estão persuadidos que podem dizer da sua justiça e impôr as suas concepções desde que se trate de cinema.

... Finalmente, há o público! O público que tem o hábito de a cada momento encontrar, cada manhã, no seu jornal, notícias sensacionais, não pode interessar-se por um filme se não espicaçam vivamente a sua sensibilidade. Os americanos foram os primeiros que o compreenderam e daí a popularidade da sua produção.

Têm sobre os alemães e francêses uma vantagem natural: a língua. No ponto de vista de rapidês, a linguagem americana é, não só superior ao francês e ao alemão, mas até ao inglês britânico. A palavra faz menor perigo de retardar a acção. E, a par disto, o facto que dois têrços do mercado mundial empregam a língua inglesa, que os americanos podem fazer filmes verdadeiramente falados, enquanto que, ao contrário os diálogos devem ser reduzidos ao mínimo, nos filmes alemães e francêses o que reduz igualmente a expressão dos realizadores europeus.

A cooperação franco-alemã poderia permitir lutar com armas iguais e com êsse fim trabalhei o melhor que pude. Desgraçadamente os acontecimentos não se prestam; envolvem a uma velocidade tal que, os grandes assuntos de que se teria podido tratar, tornam-se inoportunos logo após concebidos, e, acabar-se-ia por fazermos compreender aos produtores, que não querem arriscarem-se a arruinar-se com as nossas idéas.



# A P u b l i c i d a d e e o C i n ê m a P o r t u g u ê s

Nunca é demais falar neste assunto, porque êle é sempre de uma flagrante actualidade.

As empresas distribuidoras sabem muito bem que a publicidade salva muitas vezes os seus filmes, e por isso estão a intensificar a organização de uma publicidade mais inteligente e cuidada.

Não se pôde levar a mal tal processo de propaganda, — sobretudo quando a publicidade é feita com lisura. Isto é: cada distribuïdor pôde e deve fazer a propaganda das suas películas, — mas sem atacar os justos interesses do distribuïdor visinho... Para quê dizer que certo filme do distribuïdor visinho é francamente mau?... Bem basta dizer maravilhas dos seus próprios filmes...

\* \* \*

Em alto e em bom som quero dizer que não estou ligado a nenhuma casa distribuidora nem empresa cinematográfica. Por tal motivo, estas minhas palavras são escritas por uma questão de elegância mental, — para procurar evitar futuros desmandos por parte de certos indivíduos que ao cinêma têm ligados os seus interesses.

E oxalá que assim suceda, porque muito grave se torna êste problema quando se trata de produções cinematográficas nacionais.

\* \* \*

A cinematografia nacional, agora mais do que nunca, necessita de um ambiente de cordealidade e de uma franca e leal cooperação por parte de todos os que se interessam pelo cinêma, — sejam êles capitalistas, realizadores, actores ou técnicos.

Se não se abaixarem as bandeiras partidárias, se não se reünirem os diversos grupinhos, — nunca poderemos ter uma cinematografia nacional, retintamente portuguesa.

Porque, como tôda a gente sabe, não é nada convidativo para o nascimento de uma arte e indústria novas o ambiente em que temos vivido, — em que só se pensa louvar as iniciativas e as obras do nosso amigo senhor Fulano, e dizer mal, o pior possível!, das iniciativas e das obras do nosso inimigo senhor Cicrano...

Se assim todos procederem é quasi certo venceremos nas lides cinematográficas, — e bem depressa Portugal enfileirá ao lado das outras nações em que a indústria cinematográfica está em perfeita elaboração e vertiginoso progresso.

\* \* \*

A publicidade das casas distribuidoras e das empresas cinematográficas deve ser feita com todo o cuidado, procurando chamar a atenção para as obras francamente boas e evitando sempre enganar o público, — pois, além de tudo o mais, só às primeiras vezes conseguirão dár-lhe gato por lebre...

Este facto tem-se dado muitas vezes a quando de certas estreias: a casa distribuidora ou exhibidora fez uma enorme publicidade a uma película muito boa — e na noite da estreia o cinêma está quasi vazio. O motivo? E' bem simples: o público já foi enganado várias vezes por meio dêste ardil, — e não quer cair novamente no engano...

\* \* \*

Por todos os motivos, portanto, há uma absoluta necessidade de fazer uma metódica e cuidadosa propaganda publicitária, — para evitar tôda uma série de desmandos que só inconvenientes trazem para os distribuïdores, exhibidores e outras empresas cinematográficas.

J. S.





# ANNA STEN

A estreia do filme de Fedor Ozepp, «Os Karamazoff», realizada há tempos, revelou-nos o temperamento dramático desta atriz, jovem e bela que apenas conhecíamos pela sua intervenção em alguns papéis secundários e pelas vagas referências da imprensa alemã. O atormentado espírito da heroína de Dostoievsky encontrou em Anna Sten a interprete ideal. Porque essa película, filmada na Alemanha, responde a cada passo do dramatismo eslavo que deixou nela o seu autor e que souberam conservar sem concessões comerciais o realizador e o protagonista russos também. Assim, ainda que o resto do elenco fôsse completado por actores germânicos, o efeito russo não foi desvirtuado em nenhuma cena, graças ao talento de Fedor Ozepp e de Anna Sten, a estrela que desde aquele momento ficou consagrada como um valôr positivo do écran europeu. Tam magnífica e tam pessoal foi, que atraiu a atenção de Samuel Goldwyn, o incansável descobridor de «caras novas», que imediatamente apresentou-lhe um contrato vantajoso para trabalhar nos studios da California. Eis, porque ainda não voltamos a ver nos nos nossos écrans a grande atriz de «Os Karamazoff».

Anna Sten nasceu em Kiev, donde seu pai dirigia uma academia de Baile. Na infância, a futura estrêla conheceu todos os horrores da grande guerra; os meses de espera angustiosa, sem notícias do pai ausente nos campos da batalha... Chegou o ano de 1922. Anna tinha então doze anos. Morreu seu pai e a senhora Sten encontrou-se só enfrentando a vida com duas filhas e sem recursos para dar-lhes uma determinada educação. Começou para elas a terrível luta: Anna, a mais velha, ajudava sua mãe nos trabalhos domesticos e procurava trabalho de acôrdo com as suas vocações artisticas.

Numa festa que o seu colégio realizou fez a protagonista dum conto de Anderson. Foi tam grande o êxito que a rapariguita dedicou se a ensaiar com um grupo de jovens e ambiciosas artistas várias obras do repertório escolar. Por algum tempo a vida ainda que dura pareceu sorrir á família Sten. Mas uma vez mais vieram novas preocupações. Anna tinha conseguido um emprego na redação de «A Verdade de Kiev» e nos momentos livres continuava incansável a organizar espectaculos teatrais com o seu grupo de amadores. A saúde de sua mãe, esgotada pela luta dura, deixava muito a desejar. Era preciso conseguir comida e roupa suficientes para a implacável estação de inverno. Uma por uma, venderam todas as coisas de valôr que tinham, mas isto não bastava. Anna, então, renunciou aos estudos e ambições, colocou-se num restaurante, donde em troca do seu trabalho, lhe davam a comida que necessitava para os seus. O dia de labuta era duro e ela não descansava; mas a família ia vivendo e teve a imensa alegria de ver que a saúde de sua mãe começava a melhorar. Aos dezoito anos Anna Sten era uma atriz profissional no cinema e no teatro. Figurava no elenco dum dos grupos que Stanislavsky dedicava ás tournées pelas províncias e a sua ambição era ingressar nos studios cinematográficos de Moscou. Havia interpretado pequenos papéis ante a câmara, quando se apresentou a primeira oportunidade no filme «O Passaporte Maldito» (a mesma que interpretou Elisa Landi na versão inglesa). Esta obra valeu-lhe a sua consagração no cinema russo e a empresa decidiu enviá-la com o seu director aos studios alemães para continuar a sua carreira, noutra ambiente e realizasse versões em diferentes idiomas. E' desta época o famoso filme «Os Karamazoff»

Anna aprendeu alemão com incrível rapidez e pouco tempo depois da sua chegada a Berlim, os studios de Neubabelsberg, da UFA, fôram testemunhas do seu meio de expressão que tam rapidamente havia assimilado a atriz russa. Ali fez «A loucura do Monte-Carlo», com Hans Albert e «A Tempestade» (?) com Emil Jannings. Teria continuado assim a sua carreira, juntando aos idiomas que conhecia, o francês, quando apareceu Samuel Goldwyn com o seu contrato. Anna Sten embarcou para a America e o seu nome apagou-se dos jornais europeus. Agora, depois de um ano de silêncio, de trabalho lento e esgotante, ensaiando de tarde as cenas em inglês que havia aprendido de manhã, Anna Sten aparece como triunfadora estrêla do cinema yanque, encarnando a figura de Naná, heroína da célebre novela de Emilio Zola.





Allisson . . . . .  
 Digby . . . . .  
 Erlich . . . . .  
 Monique . . . . .

Leslie Howard  
 Douglas Fairbanks Júnior  
 Paul Lukas  
 Margaret Lindsay



Um grupo de homens, um doloroso rebanho de homens, cobertos de crostas de lama, obedecendo às vozes de comando, dirige-se para o campo de concentração dos prisioneiros. Os seus rostos exprimem ódio, revolta, cansaço e fome, mas há que obedecer, que cumprir, porque a vida é única e o inimigo é intransigente. Chegados ao campo de prisioneiros é preciso esvaziar os bolsos, tudo cai lentamente num cabaz. Tudo é para ali atirado, pois nem os retratos dos queridos, mulheres, filhos, noivas, é permitido conservar.

É em vão que o capitão Allisson experimenta guardar o retrato de Monique, de quem o silvo duma locomotiva, apartára. Allisson, Monique, dois nomes que se pronunciam a rezar na primavera dos 25 anos. Dois jovens que apenas estiveram casados seis dias! Hoje, o valoroso capitão aviador arrasta a sua vida animal no campo de concentração dos prisioneiros de guerra. Espera ansiosamente as cartas de Monique, as cartas de que vivem os prisioneiros, todos os prisioneiros; vivem cheios de ódio pelos que os guardam e de amor pela liberdade.

Um dia um homem semi-louco apodera-se do revolver dum guarda e mata-o; outros guardas vêem e morrem também; com as armas destes forma-se um pequeno pelotão; avançam, mas a sirene de alarme tóca, as metralhadoras crepitam e ceifam. Metade dos prisioneiros dormem o sono eterno. Para estes foi a última liberdade; para os que ficam a vida será mais infernal ainda.

\* \* \*

O capitão Allisson, foi poupado pelas balas. Notam-lhe certa autoridade sobre os prisioneiros. Foi nomeado um novo comandante para o campo de concentração: é Erlich, que fôra professor da Universidade de Inglaterra, onde Allisson era estudante. O capitão é chamado ao novo comandante; a sorte dos prisioneiros será dulcificada, se o capitão garantir que nada haverá de anormal. Chega nova leva de prisioneiros...

«Digby. Tu aqui! Oh, meu querido Digby, tu não reconhecês o teu Fred Allisson?»

Eram dois amigos de infância que a guerra separára.

«Fala-me de Monique; disseram-me que tinhas ido ao teatro, com ela». «Oh, isso não tem importância, foi frioleira». «Mas fala, fala-me dela. Perdão. Diz, tu mal compreendes isto, a minha ansiedade de novas»

Nada, nem resposta...

A sirene, de novo a sirene. As metralhadoras, as espingardas, os bérros de comando...

Fugiu um prisioneiro:

— Digby.

O capitão Allisson é chamado à responsabilidade. Trazem ao comandante o capote de Digby e o corpo duma mulher estrangulada e violada. Ao lado do cadáver estava uma carta.

«Capitão Allisson, o vosso amigo Digby fugiu e cometeu um crime assassinando a leiteira Elsa».

— E' impossível.

— Encontrou-se esta carta junto da morta.

A carta é de Monique, para Digby, trasbordante de ternura e amor.

E' pedida ao exército inglês a entrega do criminoso. O pedido foi aceite. Digby vai ser julgado...

O capitão Allisson pede ao comandante autorização para falar com Digby na sua cela.

— Digby.

— Oh, cala-te, Monique nunca te amou.

— Mentos...

Allisson esbofeteou Digby que será fusilado na manhã seguinte. Mas nessa tarde o capitão encontrou sobre a sua mesa um papel que diz: «Não foi Digby que matou fui, eu, Stragine.»

Alvorada. Vai dar-se o fusilamento. Mas.. Allisson atento traz a prova salvadora. O corpo do criminoso balançou numa árvore. E Digby vive...

... E a vida dos prisioneiros continúa.

\* \* \*

— Escuta Digby, tenho um plano de evasão. Se tu prometes a felicidade de Monique, dou-ta. Esta tarde às 6 horas, partireis. O plano de Allisson é formidável. Apoderou-se da torre da metralhadora que domina o campo. Os prisioneiros fogem. A sirene não se cansa, no seu silvo horrendo e macábrego. Os prisioneiros atingem o campo de aviação próximo, enquanto Allisson, contem as fileiras dos guardas do campo. A metralhadora não se cala, ceifa, ceifa, ceifa...

Mas uma bomba atinge em cheio a torre, onde Allisson era o demónio.

No meio dos destroços jaz esfrangalhado, o capitão...

Um avião, o de Digby, faz do alto do céu a continência militar sobre o despójo do velho amigo de Digby, o velho amigo Fred Allisson...





Beatriz Costa, a mais popular artista do cinema português, ouve com ternura um disco « His Master's Voice ».

---





# da vida cineráfica

Lilian Harvey, a madrinha da «Invicta Cine», segundo declarou, pretende ter um filho. Ó Liliashinha vem até junto de nós...

**Que nariz!** O famoso apêndice nasal de Jimmy Durante salvou o popular artista de ser detido como autor de um roubo, durante a filmagem de «Palooka», a sua última película. Jimmy regressava a sua casa depois de ter filmado uma cena a vários quilómetros de Hollywood, quando uns polícias em motocicleta deram caça ao seu automóvel e de revólver em punho obrigaram-o a parar. Uma hora antes um banco dos arredores tinha sido assaltado por um bando de ladrões, os quais depois de esvaziarem a caixa fugiram a toda a velocidade num automóvel da mesma marca, côr e tipo do conduzido por Durante. Os agentes reconheceram logo o artista e permitiram-lhe continuar a marcha depois de mil desculpas. — Não é V. o ladrão que procuramos, disse um deles. Com um nariz como o seu não teria podido transpôr a porta do Banco.

**Imortais** Quem são os imortais do écran? Quem são as estrélas cujos nomes ficaram gravados no coração e na memória dos apaixonados pelo cinema? São estas as perguntas que muitas vezes se tem feito em Hollywood, perguntas a que os cinéfilos ingleses responderam recentemente de maneira decisiva. Segundo o inquérito levado a cabo por «Picturegoer», a revista londrinense, entre os seus leitores, Mary Pickford e Charlie Chaplin são dois dos maiores artistas que tem tido o cinema. As outras três mais ilustres personalidades na história da sétima arte são: Jackie Coogan, Rodolfo Valentino e Greta Garbo. Mary Pickford chegou a 70% da totalidade de votos; Chaplin também obteve uma enorme maioria; Eddie Cantor, Ronald Colman, Douglas Fairbanks e Mickey Mouse figuram entre as primeiras filas do grupo de 75 estrélas escolhidas pelos leitores de «Picturegoer».

**Gordas, atenção!** Raparigas que aspiram a triunfar no écran, tomem nota: em Hollywood nota-se uma decidida predilecção pelas cinéfilas de boas carnes. Os dias de atormentadoras dietas para eliminar a gordura superflua passa-

ram à história. O tipo fraco, alto e ossudo fundiu-se definitivamente na impopularidade. Os clientes masculinos dos cinemas Janques, declararam-se a favor das mulheres redondinhas e o público feminino dá provas de ter-se cansado das artistas de ancas estreitas e busto ultraplano. Já sabem, portanto. Não voltem a preocupar-se com o somar ou diminuir de calorias, deixem a balança tranquila, comam tudo que agrade, que lhes preste, sem medo de cometer pecado algum contra a moda.

**Só 25 gramas!** Os fabricantes de espelhos de «Los Angeles» e «Hollywood» estão de pesames nestes dias. O caso não é para menos. Charles R. Rogers fez-lhes um pedido que excede tudo quanto havia acontecido até agora: quarenta e sete espelhos de um metro e vinte e dois centímetros de largo por seis centímetros de alto. Todos êstes cristais destinam-se à decoração de algumas das cenas que compõem o filme que realiza actualmente Charles Roger. Não é a «produção» de espelhos o simples dado extraordinário que é de notar no futuro filme. O mais interessante é que terão de copiar a imagem de Ginger Rogers vestida com um traje que pesa apenas 25 gramas. Como tal atavio é excessivamente grande a exqu岸ita actriz terá a completar o vestuário um par de leques. Jack Oakie e Jack Haley ainda que não figurem no elenco manifestaram desejos de assistir aos ensaios e à filmagem na qualidade de «mirones». Dizem que não é coisa de perder-se ver tam linda mulher como Ginger Rogers vestida tam levemente e á frente de um côro de 25 girls, no mesmo vestuário, tam tapado, que parecem «huries».

**Parecidas!?** Marlène Dietrich, Dorothea Wieck e Miriam Hopkins, três das mais famosas estrélas que brilham na actualidade em Hollywood, começaram a sua carreira de um modo muito semelhante. A primeira cuja mais recente interpretação é a que faz em «Scarlet Empress», película que se seguiu ao «Cântico dos Cânticos» na qual obteve no estrangeiro

um triunfo fantástico, estudava para violinista quando por terem perdido os músculos da mão a flexibilidade necessária deixou a música pelo teatro.

A segunda que tam ressoantes triunfos tem obtido desde «Raparigas de Uniforme», é filha de uma grande pianista, e parecia destinada a imitá-la quando o empresário Max Reinhardt a contratou por cinco anos para a sua companhia teatral.

Quanto a Miriam Hopkins, a que temos visto em inúmeros filmes é também como Dorothea Wieck, filha de uma notável pianista e como ela, sentiu-se arrastada pela irresistível vocação do teatro.

Mas, oh leitores, isto será a última vocação, ou aparecerá outra?

**O que seriam?** Um jornalista de Hollywood lembrou-se fazer as seguintes perguntas às principais figuras cinematográficas:

— Suponhamos que por qualquer circunstâncias deixava V. de ser estréla; o que desejaria ser?

Eis algumas respostas:

— Não desanimaria por isso, contestou Silvia

Sidney. A minha ambição era e é ser uma esplendida artista de pintura e desenho,

— Se sucedesse o que diz— respondeu Richard Arlen— trataria de ser o que sempre desejei ser, um escritor bastante lido para poder viver do que rendem as obras.

— Para Gary Cooper, se não fôsse actor, o ideal seria rivalizar com os criadores de desenhos animados.

— A Carol Lombard seduz a ideia de viver em Paris e ser desenhadora de figurinos de alguma casa de modas.

— George Raft aprenderia a arte taurina e gostaria de ser «diestro» ou bandarilheiro.

— Jack Oakie, sempre agradável, disse que a sua ambição seria ser o Mahatma Ghandi da Califórnia e sempre que tivesse de diminuir ao pêso, perder alguns dentes como entretenimento.

— Jack Haley— diz que desejaria ser o que seria se não fôsse aquilo que é.

**GUACP** Encontra-se aberto concurso para o argumento do próximo filme de grande metragem a produzir pelo GUACP.

Êste concurso será encerrado impreterivelmente em 31 de Março, pois pretende-se dar início à realização da nova produção o mais breve possível. No passado domingo 25 iniciou-se a filmagem de «Uma Lágrima» produção e realização de E. Monteiro da Silva, com a colaboração de técnicos e artistas do GUACP.

**Faz-se e fez-se** As últimas produções da AFA são: «Die Sonne geht auf», «Annette in Paradies», «Hanneles Himmelfahrt». Êste último filme foi recentemente estreado com grande sucesso principalmente devido ao trabalho de Inde Landgut.



Leila Hyams anuncia-vos a Primavera.



■ ■ Jeanie Mac Person escreveu um cenário intitulado «Cleopatra» que será o próximo filme de Cecil de Mille.

■ ■ Richard Arlen irá desempenhar o primeiro papel no filme da Paramount «Come on Marines» logo que termine «Baby in the Ice Box». Elizabeth Young desempenhará o principal papel feminino, George Raft actuará também nesta produção.

■ ■ A popularidade do conjunto Fredric March, Miriam Hopkins deu origem a que a Paramount lhes confiasse os principais papeis de «All of me» e «Design for living».

■ ■ «Juarez y Maximiliano», da Columbia Pictures, alcançou grande sucesso na sua exibição particular. Parece estar reservado a este filme um grande triunfo, se dermos crédito à informação estrangeira.

■ ■ Pela segunda vez a Columbia altera o título do filme de Frank Borzage para «No greater glory» depois de já lhe ter chamado, conforme a tradução em espanhol «Hombres del Mariana».

■ ■ Marian Marsh, que veremos brevemente com Bobby Howes da B. I. P. no filme «Over the garden wall», visitou a Cambridge University Film Society.

■ ■ Ben Lyon e Sally Eilers aparecem no filme «Y Spy» da Wardour Films.

■ ■ Causou grande escândalo a recusa de Lilian Harvey em interpretar o filme de George White «Scandals» e de ter-se manifestado contra a dobragem em francês e alemão dos seus filmes. Lilian, tem ultimamente manifestado desejos de se casar brevemente e ter um filho. Lilian alcançou grande sucesso na América e a sua retirada feriu profundamente o público americano. Todavia, na Fox, parecem estar apostados em dizer «sim» quando a estrela diz «não» e vice-versa.

■ ■ «The Cat's Paw», é o título do primeiro filme que Harold Lloyd fará para a Fox. O conhecido artista, será secundado por Una Merkel, George Barbier, Grant Mitchell, Nat Pendleton e Warsen Hymer.

**Aniversário** No dia 1 de Março festejou-se o 26.º aniversário do popular cinema Batalha, que a pericia de José Figueirôa tem sabido dirigir, remando contra a maré e grangeando cada vez mais amigos aquele popular salão. O espectáculo de aniversário escolhida pelo critério do público, que votou conforme lhe aprouve, prova ainda mais a boa vontade e as atenções com que se procura naquela casa cativar e estimar o público. À sua Empresa «Invicta-Cine» envia felicitações e votos de longa vida.

## A morte de Rasputine

LONDRES, 1.—O processo intentado pela princesa Lussupoff contra uma companhia cinematográfica, a propósito do filme «Rasputine», continua a despertar a maior sensação. A queixosa, na sua qualidade de viúva do assassino, de sobrinha do czar Nicolau I e descendente directa dos reis tártaros, afirma ter sido representada no referido filme com o nome de princesa Natacha e, portanto, directamente visada pelas acusações caluniosas relativas às relações entre a pretensa Natacha e Rasputine.

O interesse do público é ainda avolumado pela categoria das pessoas envolvidas no processo e pelas individualidades que figuram como testemunhas.

Um dos momentos mais patéticos dos debates foi quando, segundo o filme, o príncipe Lussupoff relatou como matara o falso monge siberiano. Disse que o convidara a ir ao seu palácio.

O advogado da companhia cinematográfica processada, para estabelecer bem as diferenças existentes entre o drama contado pelo filme e o drama real, levou o príncipe a reconhecer que havia atraído o célebre monge ao seu palácio com o pretexto de lhe apresentar sua mulher—declaração esta que provocou grande sensação no tribunal.

Hoje continua o interrogatório, que quasi assume importância histórica, pois dêle deverão resultar indicações preciosas para esclarecer o verdadeiro drama da vida e morte de Rasputine.—H.

### UMA FOTOGRAFIA RARA

Esta foto, mostra-nos as artistas Beatriz Costa e Aida Lupo, numa cena do filme «O Diabo em Lisboa», película esta que Rino Lupo produziu há anos e que o nosso público nunca conseguiu vêr.





# Leitoras, o vosso Mojica...

Bem poucos são os artistas de cinema que podem gabar-se de possuir uma tam numerosa falange de admiradoras, como José Mojica.

Não sendo um artista que tenha produzido filmes daquêles que marcam épocas na evolução da cinematografia, não tendo alcançado da casa contratante da sua personalidade, e para a qual trabalha, uma publicidade formidável, Mojica, em Portugal, tem numa larga coorte de cinéfilas *fans* arreigadas, que poderão perder a missa dominical, embora pequem contra a sua crença, mas por nada deixam de vêr e ouvir o *seu* querido Mojica.

Para nós, homens, mais ou menos cinéfilos, a sua personalidade se não passa com o indiferentismo dum extra, também não sofre os encômios ou aslouvaminhas dum Wallace Berry, dum Charlot, dum dos Barrymors. Preferindo-se, normalmente, para o gôsto apreciador masculino, as personalidades másculas, cheias de vigôr e de vontade, que se vejam nitidamente estampadas na face, que formem um pouco de conjuncto com o tipo de belêsa, criada pelos gregos e romanos, o tipo de Mojica não consegue interessar, nem merece grande nomeada aos espectadores dos seus filmes. Mas, com a alma feminina, o caso é diferente e variável de mulher para mulher. Julgamos, não ter ainda nascido o primeiro humano capaz de compreender a companheira, que Deus ou Jeovah, magarefe perfeitissimo, mixto de cirurgião e curandeiro, tirou e modelou numa costela do dorminhoco Adão, também já uma espécie de *acelerado* funcionário. Fôsse como fôsse, o certo é que as Evas contemporâneas, mesmo as mais irreverentes modernistas, têm por Mojica uma paixão terrível, qual por um Adónis de formusura e plástica impecável. Causas? Não sabemos, nem curamos de o fazer; se fôrmos perguntar à Bibok à Georgette Ribeiro ou à Anabella, porque idolatra o José Mojica, teremos três opiniões diferentes, tam divergentes e tam diversas que não terão um único ponto de contacto. Possivelmente até, nenhuma gostará, neste momento, do Mojica, só para nós fazer ferver, só para nos irritar com o seu snobismo caprichoso de mulheres.

Mas porque gostarão do José Mojica? Porque canta bem, porque é mexicano, porque tem para com as suas *partenaires* atenções de gata com a cria, perdoe-se a mudança de sexo. Porque a Fox, tem sabido lança-lo, sem grande esforço publicitário, é certo, mas entregando-lhe a interpretação de personagens de filmes românticos. E aqui está o *busilis* leitoras. Vós apesar de viverdes num século de materialismo, onde vos ensinam a vêr no homem um companheiro e um amigo, não o senhor da escrava do século passado, apesar de todos os modernismos, de vestirdes a nossa roupa, usardes monóculo e fumardes cachimbo não perdêstes o romantismo da alma. Aqui em Portugal, onde a luta feminista da mulher é nula ou quási nula, gira-vos nas veias restos de sangue arabe, de mistura com o de vossas avós, que namoravam de escarrinho e iam aos *Lausperenes* para vêr de perto o amado e libertador do despotismo familiar.

Adorais o José Mojica, porque é romântico, porque vos faz vibrar cordas que a aureola do cinema doura e ilumina...

Mas descansai, ides novamente vêr o vosso José Mojica, no fonofilme *A Melodia Proibida* que o Cinema Rivoli estreia muito breve.





# à margem das estreias

Secção a cargo de PEREIRA DE CASTRO

## Catarina da Rússia

Com o aparecimento deste filme, nascem simultaneamente as esperanças da revitalização do cinema europeu; oxalá todas as produções que vão seguir-se sejam iguais à amostra que o S. João-Cine nos patenteou.

«Catarina da Rússia» não é um filme banalidade; pelo contrário, possui um conjunto de características que a exiguidade do espaço não nos deixa analisar convenientemente. A elas nos referiremos dentro em breve.

Paul Czinner foi basear a sua realização sobre um cenário que, aproveitando alguns factos da história russa, urdindo-se mutuamente com fantasia, até certo ponto, tolerável, deu um todo agradabilíssimo que se vê deleitado, pelo ambiente e pela confecção.

O estudo minucioso mais historicamente caracterizando as personagens que a época, donde viria anacronismo, está perfeito, até na riqueza do detalhe que condiz esplendidamente com o luxo da época, revelado em 1745, em que decorre a acção, copiado pelo figurino francês que conhecia então as delícias dos dias aureos de Luiz XV.

E assim, o trabalho de Czinner é mais perfeito na direcção dos personagens primordiais, que na do conjunto, vivendo, às vezes, num a vontade contemporâneo. Cercado de magnífica decoração, requintada e caprichosa, com um guarda-roupa primoroso, onde se não nota a similiaridade da indumentária, o realizador actuou num verdadeiro mar de facilidades e felicidades, que valorizaram o seu trabalho.

A parte interpretativa avulta por dois nomes: o de Elisabeth Bergner e o Douglas Fairbanks Júnior.

O tipo criado por Elisabeth Bergner revela o estófo duma grande artista e duma enorme sensibilidade; não foi uma interpretação vulgar, mas uma criação feita com talento e com alma, duma personagem que deve ter sido primeiramente estudada nas suas fontes históricas, para depois poder ter merecido, uma tam completa interpretação. Veremos mais ou menos brevemente Marlene Dietrich interpretar papel idêntico; poderá fazer valerem mais as situações dramáticas, mas não conseguirá o esquecimento da pureza artística do trabalho de Elisabeth Bergner, onde não há uma máscara injustificada ou um gesto anormal.

Douglas Fairbanks Júnior é consciente e procura ombrear com a sua «partenaire», mas tem atitudes, que recordam como que a

influência paterna. A sua figura de Grã-Duque Pedro é curiosa e prestava ainda a maior relevo que o interpretado; no entanto, desempenhou-se sóbriamente da missão que lhe confiaram.

O esquecer Flora Robson representaria uma falta de atenção; ora a figura da imperatriz Isabel, primordialmente o eixo do cenário, oferece vincadamente o perfil daquela mulher que sendo inclinada à cólera, não era destituída de bondade. Flora Robson marcou na sua interpretação, as qualidades da figura criada com precisão e acerto. Os outros interpretes, contribuíram para a perfeição interpretativa do conjunto, a característica base do filme.

A decoração é esplendorosa e, de facto, bem aproveitada valorizou o filme. Magnífica a fotografia e sonorização.

Como todos os filmes, «Catarina da Rússia» não é isento dum ou outro senão, mas são tam pequenos que não vale a pena apontá-los, apenas para gaudío e satisfação de certas opiniões; perdem-se no conjunto, é a razão de não os citarmos.

Como complemento de programa, exhibia-se o primoroso documentário «Um passeio através de Viena»; só por si, pela magnífica coordenação, ritmo e conjunto, valia um bom programa. Duma precisão notável, é dos mais belos documentários que se tem exibido nas últimas épocas do cinema no Porto.

## Enfeitada

Embora o nome de Joan Crawford seja dos já valiosos na cinematografia americana, o certo é que, este filme que Clarence Brown realizou, não merece encómios, nem louvores extraordinários. É um filme banal, desprezível, vindo de aureola dos nomes que entram no seu elenco.

A realização de Brown, não representa nada de descomunal; é comezinha e um pouco antiquada.

A interpretação de Crawford, agrada, procura vencer com «élan» todas as dificuldades da personagem, mas sucumbe não raras vezes esmagada pela toada de tragédia, que dela dimana e para a qual não tem personalidade suficiente. Nils Asther monotizou o filme com a sua actuação tam deficiente como incorrecta; é já pesadão para certos personagens, que se perdem amorfos, num conjunto sem brilho. Outrotanto não diremos de Robert Montgomery cuja interpretação foi equili-

brada, cheia de boa vontade de acertar. Os outros interpretes, mais simples comparsas do que artistas; para um curto papel, Lewis Stone, um nome a juntar a um elenco de valor mas de pequeno rendimento.

O cenário de John Moheau e da autoria de Marie Belloc, necessitava de maior lógica e dum final menos ridículo para o raciocínio e para a... justiça americana.

«Manhattan Sérénade», um título de valor, numa alvorada de cinematografia sonora, com muita cor, um empastelamento de cores... «Jornal Fox» curto e mal confeccionado.

Enfim, uma sessão de entretenimento, mas de má cinematografia.

## Toureiro à força

Um filme que faz lembrar os inícios do sonoro, pelo deslumbramento das marcações teatrais que encerra. «Toureiro à força» é uma farsa chistosa, que auxiliada pelo efeito visual dos conjuntos, consegue ser simultaneamente um espectáculo curioso e alegre. Embora pecando duma teatralização acentuada, Leo Mc Carey procurou atenuar o mal dando seqüência lógica ao desenvolvimento do cenário. Vivendo o filme dentro dum romântico ambiente mexicano, com touradas, lindas mulheres e bandidos (produto mexicano de que muito se tem abusado, parecendo que o México tem um bandido por cada dois habitantes) a realização é levada ao romantismo do meio, com música dolente e embaladora.

Na interpretação, há apenas um nome: Eddie Cantor. Contribue com a sua actuação para a parte cômica da revista e não fica, o seu trabalho, á quem de muitos artistas de grande nomeada no écran universal. Concorremos que se exagera nalguns pontos da sua interpretação; mas a tourada está hilarantemente posta, capaz de fazer rir os mais sisudos, esquece-se com facilidade qualquer deficiência.

Lyda Roberti, a azougada Rosália, impõe-se pela vivacidade, mais que pela qualidade artística do seu desempenho. Os outros interpretes, como Robert Young, Rutte Hall, John Miljan, dão brilhantismo ao elenco e à interpretação. Boa música e boa fotografia. As legendas contribuem para provocar a hilariedade.

Um bom espectáculo cômico, próprio para aliviar de cansaças e males.

Bons complementos de programa.

O calçado de fama

53, LARGO DOS LOIOS, 54

PORTO

# DIANA

Vendas a prestações

(COM BÓNUS)

Telefone, 5422





**REGALIAS CONCEDIDAS  
AOS LEITORES DA  
INVICTA-CINE**

**Europa (Lisboa)**

BONUS DE 20 %  
em todas as matinées de  
domingo em todos os  
lugares.

**Europa (Lisboa)**

BONUS DE 20 %  
em todas as matinées de  
domingo em todos os  
lugares.

**Royal (Lisboa)**

BONUS DE 50 %  
em todos os lugares nas  
matinées de domingo

**Royal (Lisboa)**

BONUS DE 50 %  
em todos os lugares nas  
matinées de domingo

**Chiado Terrasse (Lisboa)**

BONUS DE 30 %  
em todos os lugares nas  
matinées de 4.ª feira

**Chiado Terrasse (Lisboa)**

BONUS DE 30 %  
em todos os lugares nas  
matinées de 4.ª feira

**Olympia (Lisboa)**

BONUS DE 45 %  
em todos os lugares nas  
matinées de sábados

**Olympia (Lisboa)**

BONUS DE 45 %  
em todos os lugares nas  
matinées de sábados

**Lys (Lisboa)**

BONUS DE 30 %  
no lugar Plateia na matinée  
de domingo

**Lys (Lisboa)**

BONUS DE 30 %  
no lugar Plateia na matinée  
de domingo

**Palácio (Lisboa)**

BONUS DE 50 %  
em todos os lugares nas  
matinées de 5.ª feira

**Palácio (Lisboa)**

BONUS DE 50 %  
em todos os lugares nas  
matinées de 5.ª feira

**Condes (Lisboa)**

BONUS DE 20 %  
em todas as matinées de ter-  
ças, quintas e sábados em  
todos os lugares.

**Paris (Lisboa)**

BONUS DE 50 %  
em todos os lugares nas  
matinées de 5.ª feira

**Imperial (Lisboa)**

BONUS DE 20 %  
nos lugares Plateia e Balcão  
na sessão de 4.ª feira

**Imperial (Lisboa)**

BONUS DE 20 %  
nos lugares Plateia e Balcão  
na sessão de 4.ª feira

**Odeon (Lisboa)**

BONUS DE 50 %  
em todas as matinées, exce-  
pto às quintas e domingos  
em todos os lugares.

**Paris (Lisboa)**

BONUS DE 30 %  
em todos os lugares na ses-  
são de 4.ª feira

**Central Cinema (Lisboa)**

BONUS DE 50 %  
em todos os lugares na  
matinée de 4.ª feira

**Cinema Pax Júlia (Beja)**

BONUS DE 20 %  
em todos os lugares nas  
sessões de quinta-feira.

**Cinema Pax Júlia (Beja)**

BONUS DE 20 %  
em todos os lugares nas  
sessões de quinta-feira.

**AVENIDA DA LIBERDADE, 3-1.º**

**LISBOA**

**RUA DA PAZ, 22**

**PORTO**



# à margem das estreias

## **Teatro Casino Fundanense Fundão**

BONUS DE 20 %

nos lugares Balcão e Plateia e 5 % em Frizas e Camarotes na sessão de quinta-feira.

## **Teatro Casino Fundanense Fundão**

BONUS DE 20 %

nos lugares Balcão e Plateia e 5 % em Frizas e Camarotes na sessão de domingo.

## **Teatro Cine Avenida (S. João da Madeira)**

BONUS DE 30 %

nos lugares Plateia, Balcão e Camarote, na sessão de 5.ª feira

## **Teatro Cine Avenida (S. João da Madeira)**

BONUS DE 30 %

os lugares Plateia, Balcão e no Camarote na matinée domingo

## **Cine Teatro Vaz Preto Castelo Branco**

BONUS DE 20 %

em todos os lugares da plateia na sessão da última quinta-feira de cada mês.

## **Cine Teatro Vaz Preto Castelo Branco**

BONUS DE 20 %

em todos os lugares da plateia na sessão da última quinta-feira de cada mês.

## **Salão Cinema (Ilhavo)**

BONUS DE 25 %

em todos os lugares e em todos os espectáculos

## **Salão Cinema (Ilhavo)**

BONUS DE 25 %

em todos os lugares e em todos os espectáculos

## **Teatro Club (Mortágua)**

BONUS DE 20 %

em todos os lugares e em tôdas as sessões

## **Teatro Club (Mortágua)**

BONUS DE 20 %

em todos os lugares e em tôdas as sessões

## **Teatro Afonso Sanches (Vila do Conde)**

BONUS DE 50 %

em todos os lugares e em todos os espectáculos

## **Teatro Afonso Sanches (Vila do Conde)**

BONUS DE 50 %

em todos os lugares e em todos os espectáculos

## **Salão Recreio do Povo (Setúbal)**

BONUS DE 30 %

em todos os lugares na sessão de 4.ª feira

## **Salão Recreio do Povo (Setúbal)**

BONUS DE 30 %

em todos os lugares na sessão de 4.ª feira

## **Teatro Avenida Coimbra**

Bónus de 30 % no lugar plateia na matinée de domingo. 11 ou 18 de Março de 1934

## **Salão Central Eborense Evora**

BÓNUS: 15 % Balcões 20 % Cadeiras. Válido para o espectáculo de 5.ª feira. 15 ou 22 de Março de 1934

## **Cine Teatro Avenida Vizeu**

BONUS 20 %

em tôdas as sessões e em todos os lugares.

## **Cine Teatro Avenida Vizeu**

BONUS 20 %

em tôdas as sessões e em todos os lugares.

## **Teatro Aveirense (Aveiro)**

BONUS DE 30 %

em todos os lugares, na matinée de domingo

## **Tivoli (Coimbra)**

Bónus de 30 % no lugar 1.ª plateia na matinée de domingo. 11 ou 18 de Março de 1934.

## **Cine Teatro Viriato Vizeu**

BONUS DE 20 %

em tôdas as sessões e em todos os lugares

## **Cine Teatro Viriato Vizeu**

BONUS DE 20 %

em tôdas as sessões e em todos os lugares

## **Teatro Circo (Braga)**

BONUS DE 50 %

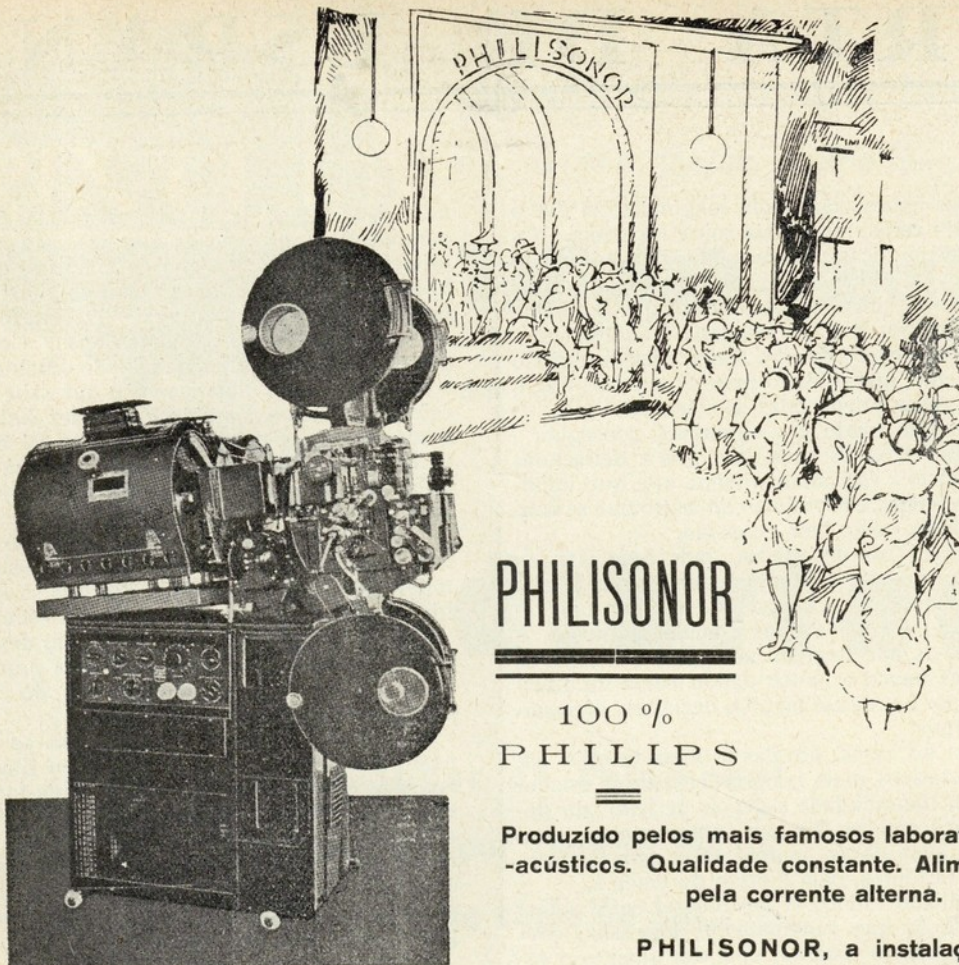
no lugar plateia, na matinée de 18 de Março de 1934

## **Cine Teatro (Cartaxo)**

BONUS DE 20 %

em todos os lugares nas sessões de 5.ª feira





**PHILISONOR**

100 %  
**PHILIPS**

Produzido pelos mais famosos laboratórios electro-acústicos. Qualidade constante. Alimentação total pela corrente alterna.

**PHILISONOR**, a instalação destinada ao vosso cinema.

Todos os órgãos reunidos num único aparelho, todos os aparelhos num só bloco.

OUÇA - O NOS SEGUINTE S CINEMAS :

Pôrto ... ..	Teatro Rivoli	Portalegre ...	Teatro Portalegrense
Guarda ... ..	Sanatório Sousa Martins	Setúbal ... ..	Casino Popular
Fundão ... ..	Casino Fundanense	» ... ..	Teatro Luísa Todi
C. Branco ... ..	Cine-Teatro Vaz Preto	Reguengos ...	Salão Liberdade
M. Grande ... ..	Cinema Stephens	Silves... ..	Teatro Silves
T. Novas... ..	Teatro Virgínia	Tavira... ..	Teatro de Tavira
Abrantes... ..	Eden Cinema	Almeirim ... ..	Ass. Rec. de Almeirim
Sines ... ..	» ... ..	Cine-Teatro Vasco da Gama	



**"PHILISONOR"**

Peça detalhes à

Agência:

**SOCIEDADE COMERCIAL PHILIPS PORTUGUESA**

**Casa Von Hafe S. A. R. L.**

**AVENIDA DA LIBERDADE, 3-1.º**

**RUA DA PAZ, 22**

**LISBOA**

**PORTO**



# CARTA DE ESPANHA

Houve uma época, não muito longínqua em que o teatro conseguiu certa supremacia sobre o cinema. Os amigos do cinema ficaram amesquinçados e quando ousavam falar de filmes excepcionalmente artísticos, olhavam-os com desprezo e asseguravam que o cinema era uma arte inferior que não chegaria à adolescência.

Os componentes da família teatral diziam abrindo a boca largamente, que o teatro nunca morreria; que o cinema cairia, como caíem todas as coisas absurdas.

O cinema que mudo era admirável, conseguiu a palavra e então todos os seus inimigos e detractores deram valor exacto a esta moderníssima arte que influir na vida dos povos, em prejuizo do teatro que se considerava tam firme, como bem colocado.

Em Espanha, país de artistas, onde cada cidadão tem escrita uma novela, compôsto uma poesia e feito um jornal cinematográfico, chegou a época em que todos também queriam ser artistas cinematográficos. A principio todos os que queriam ser galãs contavam-se aos centos, mas pouco a pouco dando conta do difficil que era optar por um destes lugares, decidiram oferecer-se como « extras ».

Os autores de livros, novelas e obras teatraes, assim como os músicos mais famosos espanhóis estudaram o caso com tranquilidade e depois de feito isto deram conta que o cinema tem um campo maior que o teatro; que as suas obras, muitas delas famosas, podiam ter maiores louros, pela difusão do cinema.

Como resultado fundou-se em Madrid entre outras editoras a C. E. A. que perfeitamente organizada com pessoal competente na matéria, com um quantioso capital e uma lista de bons cérebros nacionais decidiu construir o mais rapidamente possível uns estúdios donde impressionariam filmes nitidamente espanhóis e com espanhóis, ajustando-se às normas modernas.

Desta forma a C. E. A. que tem os seus estúdios

na Cidade Lineal de Madrid, está nestes momentos preparando para ser lançada à critica e ao mercado a sua primeira produção, « A'gua en el suelo » cujo argumento foi escrito pelos irmãos Quintero, Serafim e Joaquim, tam conhecidos em Portugal. Da música encarregou-se o grande maestro popular Alonso. Como realizador um espanhol que tinha trabalhado durante muito tempo sob as ordens de americanos e que sabe donde tem a cabeça e as mãos, Eusébio Fernandez Ardavin, completando-se com a colaboração admirável dum conjunto perfeito de artistas, tais como, Maruchè Fresno (que trabalha pela primeira vez), Luis Peña, Nicolas Navarro, José Calle, etc.

E' escusado dizer que todo o mundo cinematográfico espanhol, que sabe muito de cinema e que tem a missão de criticar com durêsa o que se faz na sua Pátria, está aguardando o momento da estreia.

Seguramente que sofrerão algum desgosto aquêles que pretendam fazer cair ou patear a produção. Sabemos, nós que apenas vimos a lista do elenco, que se trata duma produção excepcional.

Com êste filme abrem a marcha os escritores do nosso teatro para o cinema falado em Espanha. O que faz falta é que todos se unam e desta forma o cinema nacional espanhol, ocupe rapidamente o lugar que lhe corresponde por direito próprio. Seria um fracasso, agora que estamos produzindo, os americanos, com os seus dólares, continuassem a ser donos da situação e vão para a sua terra com beneficios que deviam ser sempre para nós, porque são nossos.

Madrid, 25 de Fevereiro de 1934.

A N T Ó N I O D E S A L A Z A R

(Correspondente em Espanha de *Invicta-Cine*).

Fernando Lacerda, um colaborador e um amigo, merecia-nos uma referência pela sua brilhante exposição, realizada há pouco tempo no Ateneu Comercial do Porto.

Fômos protelando-a, não, por falta de consideração pelo colega e camarada. mas por motivos estranhos à nossa vontade; hoje cumprimos justiceiramente.

Lacerda, é um novo como nós. Sem escola, antes, sem outra escola que a da prática, não foi basear a sua arte em mestres clássicos de que pudesse aprender o traço, mas, antes deu aos seus trabalhos pessoalismo e visão própria. As caricaturas apresentadas no salão do Ateneu, não são, na sua maior parte, resultantes da visão da personalidade caricaturada; dependem de inúmeros e diversos factores de informação desde a imprensa à fotografia; sendo assim as obras de Lacerda, não se impõem pela personalidade que visou a caricatura, mas pelo relato impressionado na figura, do estado de carácter do caricaturado. Notam-se traços vigorosos nos seus trabalhos que condizem esplêndidamente com aquilo que sabemos das figuras, que o lápis flagrantemente fixou.

As caricaturas de Lacerda, pode dizer-se

## À MARGEM DUMA EXPOSIÇÃO

afoitamente, que não vem fazer-se valer pelo grotesco levando até ao ridículo, nem pela exuberância de detalhe. Possuem um pouco do traço singelo, indispensável para obter semelhança, que caracterizava os trabalhos de Nicholson, de Capiello e de muitos outros; fundamente revela-se de forma a caricaturar mais a alma que o corpo, evitando o ridículo, quasi sempre doloroso. O assunto visado, poderá servir amanhã para demonstrar a incerteza do segundo quarto de século em que vivemos. A caricatura que primordialmente serviu como meio de combate e critica, quer dos inimigos como das ideias, quer dos costumes como das modas, serve para o lápis de Lacerda analisar uma parte das principais figuras contemporâneas que preocupam a Europa.

Não discutiremos o traço, ou melhor, o sistema do traço de Lacerda, quasi sempre rectilíneo ou para aí tendente; como o sabemos um artista criado sem escola, esperamos

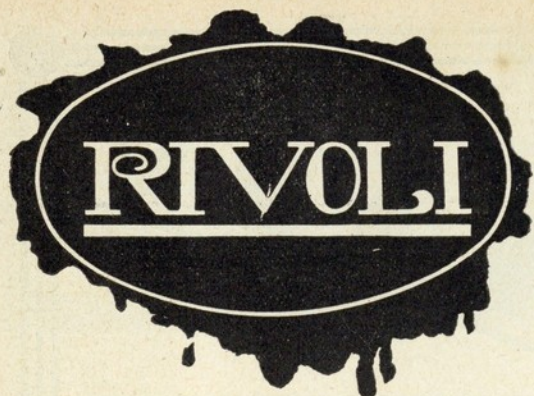
confiadamente as suas novas exposições, com novos trabalhos, que continuarão afirmando-nos do seu valor e do seu género; pela sua tendência afigura-se-nos que não nos dará nunca o género trágico dum Daumier ou a complicação dum trabalho de Gavarni; antes será sempre o mais singelo possível, caminhando sempre para o mais sucinto.

Aprovamos, não aprovamos esta marcha evolutiva da caricatura? Vai para a perfeição ou para o nada? E discutível, tanto mais que ninguém pode prevêr a tendência da Arte contemporânea à qual a caricatura está ligada. Depois, dia a dia, os artistas desaparecem cada vez mais, para nascerem sempre mais materialistas que olham de soslaio, aquêles que entendem haver mais felicidade num mundo espiritualista, que estupidamente material.

Fernando Lacerda é ainda um dos últimos abencerragens a querer-se impôr pelo seu esforço dentro da Arte; tanto basta para que mereça ser amparado e auxiliado. Pela sua exposição do Ateneu, merece um abraço e felicitações.

S. O.





apresenta esta semana a famosa rival  
de Greta Garbo e Marlène Dietrich

## Tallulah Banckead

em

# Ludibriada

Uma super da Paramount  
realizada por George Abbott.

Um fonofilme cheio de emoção,  
sentimento, luxo e arte.

---

Como complemento o RIVOLI  
exibirá: 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> feira—  
“Ama-me esta noite”, com Mau-  
rice Chevalier e Jeanette Mac  
Donald. 6.<sup>a</sup>, sábado e domingo  
—“O Expresso de Xangai”, com  
Marlène Dietrich e Clive Brook.



# **CAPTURADO**

O filme maravilhoso, cuja acção se desenrola durante o período das maiores carnificinas da conflagração europeia, é, finalmente, apresentado na próxima 2.<sup>a</sup> feira no cinema

**R I V O L I**

Esta grandiosa produção faz parte dos programas

**Filmes Castelo  
Lopes, S. A. R. L.**